

Revista CORALINA
ISSN 2675-1399

A COMUNIDADE BRASILEIRA EM *PESCARA* :UM ESPAÇO DISCURSIVO HETEROTÓPICO

The Brazilian Community in pescara: a heterotopic discursive space

Janete Abreu Holanda (UEG)
Janete.holanda@ueg.br
Orcid: 0000-0002-5579-2709

Resumo: Este artigo, um recorte de nossa tese¹, analisa os enunciados de uma comunidade brasileira, em *Pescara*, Itália, a partir do conceito foucaultiano: heterotopias. Metodologicamente, centramos em uma abordagem qualitativa e por meio de um estudo etnográfico, descrevendo e analisando os enunciados dos brasileiros nesse contexto. Para isso, selecionamos postagens da mídia social *Facebook* e fotos de um evento tradicional denominado *Dei Popoli*. Constatamos, nas análises dos dados, que o espaço da festa permite a experiência de si, exercitando a sua brasilidade, a sua língua. E no espaço virtual, denominado “Brasileiros em *Abruzzo*”, os sujeitos brasileiros produzem sentidos e significados sobre o Brasil e sobre os brasileiros. É um lugar outro para registrar no grupo suas histórias, suas crenças, sua cultura, por meio de sua língua, aproximando-se do que lhe foi distanciado. Assim, esses dois espaços heterotópicos possibilitam colocar a sua língua em funcionamento e produzir sentidos sobre o Brasil, produzindo efeitos identitários derivados dessas heterotopias.

Palavras-chave: Heterotopia. Discurso. Língua Brasileira como Herança.

Abstract: This article, a part of our thesis, analyzes the utterances of a Brazilian community in *Pescara*, Italy, based on the Foucauldian concept: heterotopias. Methodologically, we focus on a qualitative approach and through an ethnographic study, describing and analyzing the statements of Brazilians in this context. For this, we selected Facebook social media posts and photos from a traditional event called *Dei Popoli*. We found, in the data analysis, that the space of the party allows the experience of itself, exercising its Brazilianness, its language. And in the virtual space, called “*Brazilians in Abruzzo*”, Brazilian subjects produce meanings and meanings about Brazil and about Brazilians. It is another place to record their histories, beliefs and culture in the group, through their language, approaching what has been distanced from them. Thus, these two heterotopic spaces make it possible to put their language into operation and produce meanings about Brazil, producing identity effects derived from these heterotopias.

Keywords: Heterotopia. Discourse. Brazilian Language as Heritage.

¹ HOLANDA, Janete Abreu. O brasileiro como língua de herança em *pescara*: relações de forças/resistências. 2019.164f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, 2019, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

Introdução

Uma comunidade de falantes do brasileiro ao falar a sua língua materna fora do seu espaço de origem, em contexto italiano, pode encontrar barreiras para usá-la?

Se levarmos em consideração que há o encontro entre pessoas, com interesses sociais diversos que disputam o ajustamento de um mesmo universo simbólico às suas conveniências, podemos pressupor que não é tão simples como possa parecer, porque falar uma língua fora do seu contexto linguístico, cultural e geográfico gera decisões do que deve ser preservado e/ou silenciado, em meio a conflitos, em meio a relações de força que não obedecem a uma lógica ritmada como nos pode fazer crer. cremos que, em face do contato entre as línguas brasileira e italiana, gerado pela migração, há atitudes de rejeição ou aceitação, comportamentos linguísticos e sociais que expressam as “relações de forças” que se constroem na participação e representação constituídas nesse grupo. Dessa forma, não se trata de um jogo de palavras, mas são “práticas discursivas que fazem alguma coisa entrar em jogo do verdadeiro e do falso” (FOUCAULT, 2004, p. 242).

Assim, esses sujeitos, ao falarem a língua brasileira, nesse espaço, agem de diversas formas, como se estivessem em um jogo, no qual há imposições, reações contrárias, aceitações, silenciamentos. E nesse jogo, que é discursivo, surgem regras, controles para o uso das línguas brasileira e italiana. Essas regras e controles não partem de um poder governamental, surgem de todo o corpo social que leva os sujeitos brasileiros a falarem a língua italiana para a sua inserção no trabalho, na escola, no transporte, no comércio, etc, e a língua brasileira, em ocasiões e espaços específicos.

É importante, nesse momento, esclarecermos que, ao nos referirmos aos sujeitos dessa comunidade, neste trabalho, não “se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm existência particular no mundo” (FERNANDES, 2005, p.33), queremos nos referir a um sujeito que é constituído por diversas vozes sociais. Nessa perspectiva, o sujeito é envolvido numa rede múltipla e intrincada, seguindo certas regras sociais que disciplinam, organizam e padronizam os seus dizeres.

Quando nos propomos a observar e analisar a produção enunciativa e discursiva desses sujeitos, que usam a língua brasileira para atender suas necessidades “enunciativas concretas”, em contexto italiano, podemos observar as suas palavras, enquanto enunciados, em situações comunicativas concretas, em pleno funcionamento social e histórico nos mesmos parâmetros de Foucault (2009). Esse teórico explica-nos, no âmbito da análise do discurso que

A comunidade brasileira em pescara: um espaço discursivo heterotópico

um enunciado é a condição de existência de um discurso, pois aparece em algumas materialidades, associa-se ou correlaciona-se a outros enunciados, tem um sujeito que afirme aquilo e refira-se a algo que possa ser identificado.

Se encararmos o enunciado nessa perspectiva, como uma função, percebemos que não há uma relação direta entre o enunciado proferido e aquilo que ele diz, não há origem do dizer e nem há intenção de um sujeito prévia e psicologicamente concebido. A relação entre o enunciado e aquilo que se diz nele vem de outro lugar chamado o seu correlato, o domínio ou a condição de possibilidade do dizer e do sujeito que diz. Portanto, em *A arqueologia do saber* (2009), Foucault esclarece-nos que o correlato do enunciado está numa contextualização mais ampla e de nível mais radical, isto é, o domínio de leis ou condições de possibilidade que dá existência ou torna possível que algo seja dito a partir do aparecimento de uma fala ou escrita (uma sequência qualquer de signos). O que permite a correlação é a existência de um domínio em que esse conjunto de informações são possíveis.

Com essa configuração, qualquer enunciado faz parte tanto de dizeres que o precedem e que o sucedem. Nessa perspectiva, entendemos que o enunciado faz parte de uma rede ininterrupta, relacionando-se a outros enunciados que não são, necessariamente, de natureza discursiva, “mas que podem ser de ordem técnica, prática, econômica, social, política” (FOUCAULT, 2009, p. 94).

E para entendermos esse processo discursivo, propomos, neste artigo, analisar os enunciados construídos pelos brasileiros, em *Pescara*, Itália, a partir de outro conceito foucaultiano: heterotopias.

Compreendendo as Heterotopias em Foucault

Foucault (2013) dá a ver como os espaços estão penetrados por outros espaços justapostos. Assim, há em um lugar real vários outros espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis.

Metodologicamente, centramos em uma abordagem qualitativa e por meio de um estudo etnográfico, descrevendo e analisando os enunciados em postagens da mídia social *Facebook* e fotos de um evento tradicional denominado *Dei Popoli*. Quando decidimos analisar fotos, como enunciado, em nossa pesquisa, compartilhamos do mesmo posicionamento de Orlandi (2012, p. 63) ao afirmar que “a imagem, como qualquer materialidade significativa,

também não é transparente. É materialidade. Tem seu modo de funcionamento. Interpreta-se” de acordo com as condições sócio-históricas. E as fotos, como enunciados semiológicos não verbais, revelam a tomada de uma posição dos sujeitos brasileiros em relação ao que consideram como características e atitudes que funcionariam no sentido de legitimar a sua brasilidade.

Por meio desse postulado, podemos observar que a comunidade brasileira residente em *Pescara* organiza seus próprios *contraespaços*, ou seja, lugares reais, fora de lugares institucionais. Dessa forma, propomos descrever os espaços de enunciação, verificando os posicionamentos desses sujeitos dessa comunidade, por meio de discursos neles materializados.

Para entendermos melhor essa dinâmica espacial discursiva, utilizaremos como ponto de partida o texto “Outros espaços”, de Foucault (2009). Em *Ditos e escritos* (2009), volume III, no capítulo denominado *Outros espaços*, Foucault retoma de forma mais explicitada a questão dos espaços na sociedade. Nessa obra, há uma boa explanação histórica, distinguindo três formas de percebê-los: a medieval da localização (espaços hierarquizados), a moderna galileana da extensão (espaço aberto e infinito) e a contemporânea (espaço do posicionamento, onde as relações de vizinhança de proximidade e distância ganham maior destaque).

Os sujeitos, ao se inserirem nos espaços, encontram barreiras e proibições. Assim, também encontramos a comunidade brasileira, em *Pescara*, pesquisada por nós, falando e constituindo sentidos, por meio de sua língua materna.

Mesmo que *Pescara* seja um local para todos conviverem, nesse espaço alguns se aproximam por falar a mesma língua, por exemplo. Com isso, criam-se diferenças e um lugar de diferenciação. Isso quer dizer que essa cidade/espaço não é constituída/o apenas de lugares comuns, mas de lugares outros. Ou seja, juntos estão todos (con)vivendo nesse espaço, porém, apesar de estarem próximos, suas condições culturais, econômicas, linguísticas, por exemplo, provavelmente os distanciam e os diferenciam.

Quando pensamos o posicionamento dos sujeitos brasileiros em *Pescara*, nessa perspectiva, entendemos que só podem enunciar em apenas alguns lugares outros (FOUCAULT, 2012). Segundo esse teórico, há dois tipos de espacialidade na humanidade:

1. As utopias - posicionamentos irrealis, imaginários que estão fora de todos os outros lugares, estabelecendo uma harmonia.
2. As heterotopias - posicionamentos reais e localizáveis, no interior de uma sociedade, espaços outros, os quais denotariam seu caráter marginal, conflitante, subversivo

A comunidade brasileira em pescara: um espaço discursivo heterotópico

e inversor das ordens instituídas.

Foucault (2009, p. 421) esclarece-nos que a heterotopia cria “um espaço que seja outro, outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem organizado quanto o nosso é confuso, mal construído e confuso”. Esse filósofo também admite que não há sociedade sem heterotopias, pois sempre haverá um outro lugar para que os sujeitos possam se posicionar, falar e quem sabe até mesmo se silenciar. Trata-se de espaços concretos nos quais tentamos viver uma grande trama de relações entre diversos pontos (o distante e o próximo, o lado-a-lado, o disperso, etc.).

Buscando conceituar as heterotopias, Foucault (2009) coloca os seguintes princípios:

Primeiro: as heterotopias estão em todos os grupos humanos, mas suas formas são muito variadas, e não são universais.

Segundo: as heterotopias têm vários funcionamentos em cada sociedade, de acordo com a cultura na qual se manifesta, assim “cada heterotopia tem um funcionamento preciso e determinado no interior da sociedade e, a mesma heterotopia pode, segundo a sincronia da cultura na qual ela se encontra, ter um funcionamento ou um outro” (FOUCAULT, 2009, p. 417).

Terceiro: as heterotopias se justapõem “[...] em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 418).

Quarto: as heterotopias associam-se à rupturas temporais com o tempo tradicional.

Quinto: as heterotopias possuem um sistema de abertura e fechamento, permitindo/proibindo a entrada de alguns.

Dessa forma, a noção de heterotopia, a partir dos estudos realizados por Foucault, permite-nos também pensar a comunidade de falantes do brasileiro em contexto italiano (con)vivendo em espaços heterotópicos, nos quais identidades, diferenças e línguas relacionam-se.

Espaços discursivos heterotópicos em *Pescara*

Dos princípios apresentados por Foucault, abordamos, neste artigo, somente três deles: o terceiro, o quarto e o quinto. Cremos que com esses três princípios podemos analisar os sentidos constituídos pelos sujeitos brasileiros em *Pescara*, ao falarem a língua brasileira.

Janete Abreu Holanda

Para tal, analisamos dois espaços: a festa *Dei Popoli* e o grupo no *Facebook* denominado “Brasileiros em Abruzzo”, enquanto espaços heterotópicos, segundo postulado foucaultiano, sobre os quais discursividades são instauradas, constituindo redes discursivas e saberes.

Para iniciarmos as análises acerca desses princípios de espacialidade, em perspectiva discursiva, começemos a partir do terceiro princípio da conceptualização de heterotopia: em um mesmo espaço há posicionamentos antagônicos.

Creemos que a Festa *dei Popoli* – um lugar para o encontro dos imigrantes de diversos países que estão na Itália, promovido pelo *Caritas Diocesana Pescara-Penne* e a *Fundação Migrantes*, realizado sempre no início do mês de junho, na *Piazza Salotto, Pescara, Itália* – é um espaço heterotópico por poder reunir ao mesmo tempo em um só espaço vários países, várias línguas, diversas culturas e sujeitos diferentes, desiguais.

Esse evento sempre é organizado uma vez ao ano, por instituição religiosa, a qual tenta “reunir” os imigrantes que estão na Itália. Nesse espaço (a festa *dei Popoli*), apesar das diversidades, os sujeitos brasileiros ocupam um outro lugar, para vivenciarem seus valores, sua língua, sua cultura. Para efeito de análise, destacamos, a seguir, um recorte importante que nos permite situar, enquanto coordenadas, alguns aspectos da discussão que queremos estabelecer.

Figura 1- *Stands* dos países na festa *del Popoli* 2017



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora/2017

África, Venezuela, Cuba, Brasil, Bolívia e Filipinas encontram-se um espaço e o ocupam estabelecendo oposições, contradições. Porém, enquanto imigrantes, posicionam-

A comunidade brasileira em pescara: um espaço discursivo heterotópico

se lado a lado, em suas barraquinhas, desfazendo as diferenças, pois, nesse outro espaço, porém, como nos mostrou Foucault, ainda que estejam dentro do espaço italiano, ainda que totalmente conectados aos outros espaços da cidade, integrados, “vivificados” por seus habitantes e produtores, pela necessidade de trabalho e sobrevivência, pela cultura e lazer, pelos vínculos emocionais e sentimentais, familiares e de amizade, esses espaços, ainda assim, carregam em si ou o estigma do não pertencimento, da não aceitação da sociedade italiana da qual fazem parte e para a qual trabalham e produzem. Apesar das diferentes e das diversas perspectivas, todos, na condição de imigrantes, (con)vivem nesse outro espaço, tentando estabelecer, permanentemente, a sua inclusão.

Nessa perspectiva, compreendemos que, nessa festa, os sujeitos brasileiros posicionam-se nesse micro espaço, construindo sentidos. Ou seja, não somente refletem sobre si mesmos, mas também refratam o que é a sociedade na qual (con)vivem, uma heterogeneidade. Nesse raciocínio, Foucault (2009) afirma que o espaço heterotópico possibilita a existência de um lugar paralelo que os sujeitos possam se posicionar. Assim, como espaço real, a festa *dei Popoli* trama uma rede de vizinhanças entre distintos sujeitos que, naquele momento, encontram uma condição de aproximação, (ou quem sabe uma homogeneização) entre os diferentes. Dessa forma, por um lapso de tempo/momento, os brasileiros, especificamente, podem se encontrar e dar sentidos por meio de sua língua, mas esse momento é passageiro, um encontro provisório, restrito. Mesmo com as restrições, ou mesmo proibições, nesse lugar, podem falar a sua língua com outros brasileiros e também vivenciar a cultura brasileira. Assim, a festa *dei Popoli* é o espaço outro adequado para posicionarem como brasileiros residentes em *Pescara*, onde se visibiliza a diversidade.

E, ao se posicionarem, encontramos, no *stand* brasileiro, a sua memória e a sua identidade, como podemos constatar na figura abaixo:

Figura 2- *Stand* do Brasil na "Festa *dei Popoli*" realizada em 2017



Fonte: arquivo fotográfico pessoal / 2017

Araras, bola e frutas fazem parte do imaginário desses sujeitos brasileiros, enquanto signos ideológicos, os quais refletem e refratam o seu posicionamento (BAKHTIN, 2014). Esse espaço heterotópico, com caráter universalizador, acaba por inserir todo um grupo de brasileiros em torno de um sistema simbólico. As representações estão condicionadas ao universal, gerando símbolos identitários que pareçam homogêneos, claros e eternos no intuito de destacar as diferenças entre os outros países ou o que é comum para os brasileiros. Para isso, é necessário que sejam expostos elementos que os diferenciam do outro (cubano, venezuelo etc).

Assim, o sujeito brasileiro, nesse espaço heterotópico, retoma outros discursos, ao expor objetos que constituem a identidade brasileira, dando-lhe, portanto, novos sentidos. Portanto, essas imagens são enunciadas, pois, na perspectiva de Foucault(2009), são materialidades muito concretas com que aparecem, nas enunciações dos brasileiros em *Pescara*. Assim, antigos valores são retomados, evocados sobre o que é ser brasileiro e o que seja o Brasil.

Dessa forma, a arara, também discursivizada por Caminha, ainda está presente e constituída na memória dos sujeitos brasileiros em *Pescara*.

Com esse raciocínio, podemos afirmar que os brasileiros que vivem em *Pescara* atualizam os sentidos de formulações passadas, que já foram feitas, que já foram enunciadas, produzindo peculiares sentidos sobre seu país, unindo futebol, samba (carnaval), a tropicalidade para (de)marcarem sua brasilidade.

Percebemos que a bandeira limita fronteiras e demarca esse espaço (*stand*) dos brasileiros e não de outros. Evidenciamos também o discurso da brasilidade por meio das cores verde e amarelo nas roupas, na decoração, promovendo a estreita relação e ligação com o “Brasil”.

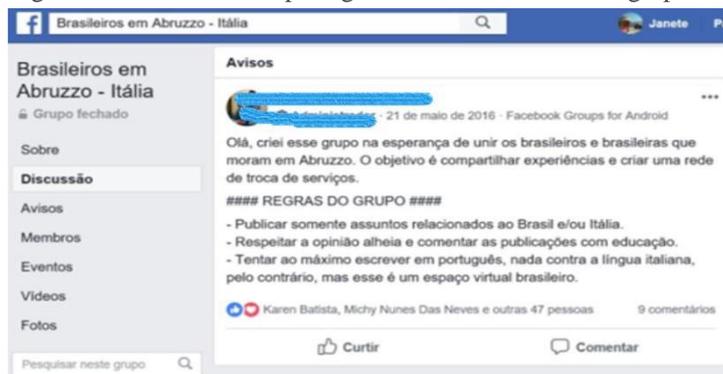
Continuando nossas reflexões sobre os princípios foucaultianos, abordamos a partir de agora, o quarto princípio, o qual se refere à questão espaço/tempo. Em relação à temporalidade, Foucault (2009) apresenta-nos a efemeridade de determinados espaços, onde as pessoas permanecem pouco tempo, ou somente passam por ali. Esse princípio, por um processo de analogia, pode ser associado à festa *dei Popoli*, como exemplo de heterotopia de passagem. Nesse espaço/tempo, proporcionam aos sujeitos brasileiros, uma vez ao ano, vivências, trocas linguísticas que antes, ou em outro espaço não seria possível de realizar. Assim, nesse lugar/tempo, os brasileiros podem por dois dias vivenciar o que estava distanciado deles. Assim, é a festa dos povos (*dei Popoli*), na qual grupos de pessoas,

A comunidade brasileira em pescara: um espaço discursivo heterotópico

por um curto tempo (duas noites) cantam, falam sua língua com outros da mesma origem. E nesse curto período de existência, uma instituição religiosa organiza e delimita o local/tempo para ficarem próximos.

Entretanto, para entrar ou sair de qualquer espaço, na sociedade, precisa-se de um ordenamento no que se refere ao seu acesso, restringindo a entrada e saída dos sujeitos. Esse aspecto é indicado por Foucault no seu quinto princípio, o qual discutimos a partir desse momento, trazendo alguns recortes para um melhor entendimento. Quanto a esse princípio, identificamos a rede social no *Facebook* denominada “*Brasileiros em Abruzzo- Itália*”, objeto de análise de nossa pesquisa, também com o mesmo princípio de ordenamento apresentado por Foucault e como espaço heterotópico. Quando buscamos no *Facebook* os enunciados dos brasileiros, acreditamos que, nesse lugar, os sujeitos brasileiros se conectam e comentam postagens em temporalidades diferentes. Porém, só podem entrar quando for permitido, pois é um grupo fechado, o que significa dizer que somente os brasileiros, que tiverem a autorização da administradora desse grupo, podem participar e interagir nesse espaço. Os dizeres da fundadora, enquanto espessura material, permitem emergir os sentidos. E é justamente neste espaço criado que é constituída a união deles, a sua inclusão e a identidade enquanto grupo. Vejamos a seguir:

Figura 3- Print screen de postagem da administradora do grupo



Fonte: Rede social *facebook* “*Brasileiros em Abruzzo - Itália*” /2017

Ao analisarmos esse espaço que é heterotópico e discursivo, é relevante destacarmos que ele constrói o sentido de “união” entre os brasileiros que estão fora do Brasil pela materialidade do dizer da fundadora: “criei esse grupo na esperança de unir os brasileiros e brasileiras”. Observamos que o uso da palavra “esperança” constitui o sentido de que ainda há a crença de todos os brasileiros imigrantes estarem juntos, mesmo que seja em uma rede

social, outro espaço. Os efeitos de sentidos provocados na materialidade linguística, desse dizer, possibilita-nos construir o pressuposto de que a imagem do brasileiro construída, nesse caso, remete a um grupo desunido, por isso, a necessidade de constituir um espaço para poder estabelecer a sua união.

Considerando que esse lugar é hierarquizado, o sujeito enunciador enuncia as regras para quem fizer parte do grupo como um ordenamento, ou controle. Ao propor como cada membro deve agir, determina-se a limitação do que pode ser postado: “assuntos relacionados ao Brasil e/ou Itália”.

“Tentar ao máximo escrever em português” é outro controle, nesse espaço, para se poder vivenciar a língua brasileira, afinal “esse é um espaço virtual brasileiro”, ou seja, lugar posicionado à margem ou fora do espaço italiano para unir os brasileiros.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Quadros (2017, p. 144) mostra-nos as formas que possam nos unir.

A mútua compreensão das histórias e dos sentimentos envolvidos, mesmo sendo único, nos une. O fato de nos darmos conta de que é importante voltarmos para nossa língua, não porque seja melhor, mas simplesmente porque **é nossa língua, nos une**. (grifo nosso)

Cabe lembrar que, embora os brasileiros morem fora do Brasil, tal identificação, ou união se dá por processos de construção de uma maneira de ver e dar visibilidade ao que ainda lhe resta como brasileiro, no caso específico, percebemos por meio de sua língua, refletindo a sua forma de viver, suas experiências.

Assim, os sujeitos brasileiros, quando registram no grupo sua história, suas crenças, sua cultura, por meio de sua língua, aproximam-se do que lhe foi distanciado.

Por isso, é necessário um espaço possível de enunciar e colocar a sua língua brasileira em funcionamento e produzir sentidos sobre as coisas, procurando relacionarem-se com outros sujeitos brasileiros.

Assistir a um jogo de um campeonato brasileiro, ir a uma festa tipicamente brasileira, tornam-se uma necessidade da “comunidade virtual”. Com esse movimento, utilizam a *Internet* para terem posicionamentos reais e localizáveis, no interior de uma sociedade Italiana. A exemplo, na figura 4, a seguir, encontramos retratada a “liberdade” de poder trocar ideias, informações e também poder vivenciá-las em outro espaço (heterotopia).

No muito, representa uma tática para confirmar e tentar construir uma redefinição do sentido de sua vida em outro espaço. Os dizeres entre os sujeitos exemplificam o esforço

A comunidade brasileira em pescara: um espaço discursivo heterotópico

do grupo em configurar a proximidade. Vejamos isso a seguir.

Figura 4- Print screen - hábitos brasileiros 1



Fonte: Rede social facebook “Brasileiros em Abruzzo Itália” /2017

Suas vozes alcançaram um *status* de registro, de um documento e de uma memória da realidade experimentada em *off*. É um espaço heterotópico, no qual os sujeitos brasileiros vivem e revelam realidades latentes que saltam do real para o virtual e, num movimento inverso, pulam do virtual para o real. Ou seja, um lugar de desenvolvimento do seu imaginário estabelecido a partir das suas próprias narrativas para apontar possibilidades apropriativas destes meios. E as suas aproximações são necessárias, não podem ficar somente no virtual, por isso, sempre há uma busca de encontro com o seu semelhante.

Ainda, podemos identificar na figura 4, as tentativas de aproximações para vivenciar os hábitos brasileiros: futebol.

E a rede discursiva vai sendo construindo, conforme o comentário apresentado na figura 5 seguinte, “Brasileiro eu não sei, mas em *Francavilla del Mare* tem um desfile legalzinho, rs”, constrói-se, além de demarcar as diferenças entre os países, também resistência.

Figura 5- Print screen - hábitos brasileiros



Fonte: Rede social *facebook* “Brasileiros em *Abruzzo* - Itália” /2017

Se levarmos em consideração, por exemplo, a inserção do riso no final do enunciado, como acontecimento discursivo que produz sentidos, percebemos que ele gera um efeito de sentido irônico, pois comunica, exerce poderes, promove resposta. Percebemos que esse riso, ou ironia, nesse espaço, significa a impossibilidade de encontrar carnaval em estilo brasileiro na Itália. Isso também é reforçado quando há o emprego da palavra “legalzinho”, tentando de forma depreciativa diminuir, desprezar o desfile em *Francavilla del Mare*. Também identificamos, nessa postagem, a inserção de um comentário, o qual faz a divulgação de um show com música brasileira.

Creemos que a formação do grupo “Brasileiros em *Abruzzo*” representa um lugar de resistência ao poder da língua italiana, mesmo que o sujeito na posição de administradora permita que se fale as duas línguas, porque encontramos a maioria dos textos postados em língua brasileira. Além disso, esse espaço tem um funcionamento quase utópico em relação ao seu local de origem, realçando os aspectos positivos e tentando apagar os negativos.

E, ao preservar o grupo somente para brasileiros, não permite que outros façam parte dele, quando é configurado como um espaço com um sistema que tem abertura para os brasileiros e de fechamento para quem não seja brasileiro. Assim, é o seu funcionamento: ao mesmo tempo isola e permite a penetração.

Porém, caso alguém infrinja, transgrida as regras, pode ser excluído/a, ou como diz a administradora “deletada”, como podemos verificar na postagem seguinte.

Figura 6- *Print screen* - Um recadinho da administradora



Fonte: Rede social *facebook* “Brasileiros em *Abruzzo*- Itália”/2017

Conforme o enunciado apresentado na figura 6, há um controle do que e de como se diz nesse espaço virtual. Mesmo que a entrada do sujeito brasileiro tenha sido permitida,

A comunidade brasileira em pescara: um espaço discursivo heterotópico

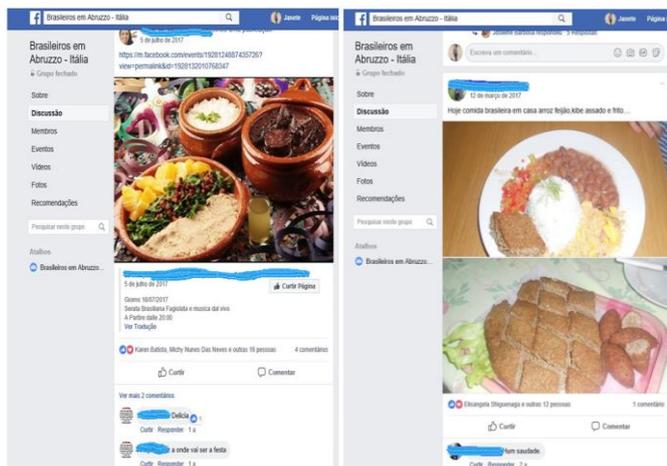
o sujeito brasileiro pode ser excluído por não compactuar com as regras dali e nem ter “nenhuma relação com o grupo”. Portanto, “Brasileiros em Abruzzo” é um espaço heterotópico para os brasileiros enredarem determinados modos de ser e de estar em mundo dentro de outro mundo onde possam ser constituídos também por brechas, fissuras, rachaduras.

Assim, as regras do grupo tornam-se como elementos de vigilância para controlar os membros do grupo nos seus procedimentos mais triviais em um “espaço virtualmente brasileiro”. Quando se coloca “*respeitar a opinião alheia e comentar as publicações com educação*” é uma regra para a boa convivência entre todos os seus membros.

Ao usar o verbo “tentar”, podemos entender como um mecanismo para falar a sua língua. Assim, o sujeito determina o não lugar de dizer a língua italiana, e o lugar de falar a língua autorizada, legitimada, o brasileiro. Nesse sentido, é estabelecida uma relação de conflito, pois, a própria coordenadora do grupo diz que não tem “*nada contra a língua italiana, pelo contrário, mas esse é um espaço virtual brasileiro*”. Portanto, nesse espaço, os sujeitos falam a língua brasileira, mas, caso alguém venha a falar italiano, significa um modo de resistência. Por meio desse controle, exerce um micropoder, ao conduzir a conduta dos membros do grupo, e também uma resistência ao uso da língua italiana.

Encontramos também a materialização do discurso da culinária brasileira, na figura 7 seguinte, enquanto enunciado, como outro modo de representar os valores e a práticas discursivas dessa comunidade. “Acreditamos que a comida é algo que define um domínio e põe as coisas em foco, [...] alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa” (DAMATTA, 1986, p. 37).

Figura 7- Print screen - Culinária brasileira 1



Fonte: Rede social facebook “Brasileiros em Abruzzo- Itália”/2017

Feijoada, arroz e feijão, quibe frito são práticas culinárias do Brasil. Ao postarem os pratos típicos brasileiros, os sujeitos brasileiros reforçam sua identidade, por meio de seus hábitos alimentares. Assim, apresentam comidas que enfatizem as raízes, a “continuidade”, a “memória” e a atemporalidade desses aspectos identitários associados ao Brasil pela culinária. Nesse contexto, o seu passado é ressignificado no presente. Dessa forma, podemos dizer que a feijoada, o arroz soltinho, por exemplo, marcam o que ficou em outro lugar e tempo.

Portanto, representam os seus hábitos alimentares, aproximam o que não é possível se ter sempre no outro espaço. Ao enunciar “hoje comida brasileira em casa”, por exemplo, na segunda postagem, há a negação de outras culinárias que não pertençam ao contexto brasileiro, mas aproxima o que lhe fica distante. Assim, estabelecem um processo de inclusão e exclusão, demarcação de fronteiras. Desse modo, ao em o campo culinário em casa, excluem a comida italiana, nesse momento e nesse espaço.

Outros signos que estão compondo a decoração da mesa, na primeira postagem, chamam-nos atenção: confetes, serpentinas, máscara, caipirinha. Cremos que esses signos estabelecem o diálogo com a festa do carnaval, um dos elementos de identificação brasileira, dando a entender que esses valores (feijoada mais carnaval) fazem parte de um conjunto cultural específico do Brasil.

DaMatta (1986, p. 18) pondera, entre outras coisas, o que faz com que um indivíduo se identifique como brasileiro:

Quando eu defini o ‘brasileiro’ como sendo amante de futebol, da música popular, do carnaval, da comida misturada, dos amigos e dos parentes, dos santos e dos orixás etc., usei uma fórmula que me foi fornecida pelo Brasil. O que faz um ser humano realizar-se concretamente como brasileiro é a sua disponibilidade de ser assim.

Assim, os sujeito brasileiros, nas postagens, fornecem a “fórmula” que habita no seu imaginário, resgatam os valores do Brasil pelos diversos sabores culinários que normalmente estão na mesa do brasileiro.

Dessa forma, o espaço de enunciação dos sujeitos discursivos brasileiros é um lugar de disputa de dizer, controlado pelo funcionamento das línguas que o compõe e pelo o que elas representam para a comunidade. Esse espaço é heterotópico, pois (con)vivem a (des)igualdade dividida pelas diferenças de predominância e legitimação entre as línguas brasileira e italiana. Além desse embate, encontramos a disputa do direito ao dizer e os modos de dizer de seus falantes.

A comunidade brasileira em pescara: um espaço discursivo heterotópico

Tecendo um acabamento

Após analisarmos os enunciados desses sujeitos, em contexto de imigração, podemos perceber a tentativa de aproximação do que está distante (culinária, família, língua), na tentativa de se tornarem mais próximos. Dessa forma, podem resgatar os valores do Brasil, marcando a diferença e reafirmando sua identidade.

Para isso, há dois espaços heterotópicos fundamentais e necessários para, especificamente, os brasileiros poderem interagir, falar a sua língua: um é a festa *dei Popoli* e o outro é o grupo no *facebook* denominado “Brasileiros em *Abruzzo*”. Por meio da festa *dei Popoli*, cada brasileiro trama uma rede de vizinhanças entre distintos sujeitos que naquele momento encontra uma condição de aproximação, (ou quem sabe uma homogeneização) uma condição de um espaço outro possibilitado. Por meio do grupo formado e denominado “Brasileiros em *Abruzzo*”, na rede social, os brasileiros produzem sentidos e significados sobre o Brasil e sobre os brasileiros. É um lugar outro que representa um recurso, uma tática, talvez uma resposta para confirmar e tentar construir uma redefinição do sentido de sua vida em outro espaço. É o espaço heterotópico possível de enunciar e colocar a sua língua em funcionamento e produzir sentidos sobre as coisas, procurando relacionarem-se com outros sujeitos brasileiros. Assim, com seus dizeres, aproximam-se como uma tentativa de superar a dureza da imigração.

Assim, a comunidade brasileira, estrategicamente, produz discursos, ou seja, materializa os sentidos necessários para manter a sua identidade, mas é controlada e se controla para falar a sua língua somente nesses espaços heterotópicos.

Por meio de um controle, como destacado por Foucault (1999), os dizeres dos sujeitos brasileiros imigrantes, nesse outro espaço, tendem a construir “próteses”, conforme é denominado por Derrida (2001), no desejo de suprir a falta e compensar, de alguma maneira, a distância de sua terra natal.

Referências

- BAKTHIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 126p
- DERRIDA, J. **O monolinguismo do outro ou a prótese de origem**. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.
- FACEBOOK. **Brasileiros em Abruzzo**. 2017. Disponível em <https://www.facebook.com/groups/263988367323802/>. Acessado em 02 de maio de 2017.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas urbanas, 2005.
- FOUCAULT, M. **O cuidado com a verdade**. In: MOTTA, M. B. da (org.). v. V. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p.240-251. (Coleção Ditos e Escritos).
- FOUCAULT, M. **Outros espaços**. In: MOTA, M. B. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422. (Coleção Ditos e Escritos).
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Traduzido por Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, M. Espaço, saber e poder. In: MOTTA, M. (Org.). **Segurança, Penalidade e Prisão**(Ditos & escritos VIII). Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2012.p. 206-222.
- FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- ORLANDI, E. P. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.
- QUADROS, R. **Língua de herança – língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017.